

## “Ronaldinho é um rei sem concorrentes”: enquadramentos do jornal *O Globo* sobre o jogador Ronaldinho na Copa do Mundo de 2006<sup>1</sup>

Filipe MOSTARO<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O termo “futebol-arte” é frequentemente empregado pela imprensa ao tentar definir o futebol brasileiro. Durante as Copas do Mundo essa abordagem se intensifica, procurando indicar como esse termo faz parte de uma “essência” nacional. Essa “essência” seria a responsável direta pelas conquistas. Já na derrota, existe um enquadramento que procura preservar essa “essência” e indicar outros fatores como principais para as eliminações. A Copa de 2006 teve o jogador brasileiro Ronaldinho Gaúcho como representante desta “essência”. Vamos apresentar, através da Análise de Narrativas (MOTTA, 2013), o que o jornal *O Globo* escolheu contar sobre a sua atuação neste torneio.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; frame; Copa de 2006; futebol-arte; Ronaldinho Gaúcho.

Acredito que ao analisar as narrativas dos jornais e suas escolhas durante as Copas do Mundo indica como as supostas qualidades intrínsecas ao brasileiro de praticar o futebol, originada nos anos 1930, permanecem ativas e reatualizadas nos discursos midiáticos. Entendo que, da mesma forma que as identidades e as representações podem ser reajustadas, a definição do nosso estilo de jogo também passa por este processo. De acordo com a época, contexto histórico, político, econômico, ideológico e com o jogador que será apresentado como modelo do estilo, pode-se esquecer alguns atributos, ampliar alguns e até incorporar novos, mas mantendo o fio condutor do que veio a ser chamado de estilo nacional. Este fio pode ser definido como: improviso, intensidade, ofensividade, dribles, floreios com a bola e jogadas inesperadas.

Nesse aspecto, Ronaldinho Gaúcho conseguia, segundo o enquadramento midiático, agregar praticamente todos os atributos que definiram ao longo dos anos a “nossa essência”. Era habilidoso, com um vasto repertório de lances de efeito e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na **DT 1 – Jornalismo** do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação PPGCOM/Uerj. Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação da Uerj, email: [filipemostaro@hotmail.com](mailto:filipemostaro@hotmail.com).

inesperados, ofensivo, veloz, driblava, fazia gols e era extremamente competitivo. Enfim a narrativa encontrava o exemplo perfeito da fusão do futebol moderno com a nossa essência. Não que Romário e Ronaldo fossem menos “brasileiros”, mas Gaúcho se aproximava mais das todas as “nossas características” do que os dois que o antecederam como exemplos de “nossa essência”.

A partir do conceito de narrativa de Ricouer (2010), parto do princípio que, toda narrativa seleciona algumas ações e acontecimentos para compor a história. A midiática não foge desta construção. Não é possível contar tudo o que aconteceu em um jogo, por exemplo, até porque o jornalista não vê tudo e o limite de caracteres da matéria, do tempo no rádio e televisão o obrigam a um “resumo” dos “fatos mais importantes.” Assim a imprensa seleciona alguns fatos, escolhe o que fará parte da narrativa e exclui outros fatores. São as angulações que o jornalista faz sobre um tema que colocam o “seu” olhar sobre as situações, proporcionando um sentido bem similar ao que ele entende como “verdade” do que aconteceu. Nesses enquadramentos midiáticos coloca-se algo que se pretende exaltar na chamada “região de fachada”, e se esconde o que não deve ser mostrado na “zona de bastidores”, seguindo a metáfora teatral de Erving Goffman, descrita em *A representação do Eu na Vida Cotidiana* (2007). Nessa escolha, já se dá um rumo da intenção narrativa e assim, o olhar do jornalista vai elaborar representações e situações sociais, e sedimentá-las com o objetivo de tornar a comunicação entre emissor e receptor algo facilmente compreendido para um número exponencial de pessoas que interagem com os meios de comunicação.

As representações cumprem o objetivo de tornar familiar para a sociedade determinado pensamento, como defende Moscovici (2012). Através das representações organizamos, agrupamos e classificamos conceitos e estabelecemos relações entre eles. A narrativa vai estipular que determinados lances, gestos e jogadores, colocados na fachada, vão “definir” o que é o futebol-arte e atribuir tais características como tipicamente nacionais e símbolos de brasilidade. Esse pensamento se tornou familiar à sociedade nos anos 1930 e, principalmente durante as Copas do Mundo, arquitetou uma “situação social” que instiga comportamentos de torcedores, e jogadores dentro de um cenário previamente estabelecido na sociedade: ser nacionalista é torcer pela seleção, no caso do torcedor e jogar o futebol-arte e/ou vencer sempre, no caso dos jogadores. Essas representações do futebol-arte foram, ao longo do tempo, difundidas pelos meios de

comunicação como a maneira correta de se praticar o “nosso futebol”, criando uma verdade sobre o “nosso estilo”. Seguir uma linha diferente do que já foi enraizado e classificado como o futebol-arte, causaria estranhamento e fugiria de nossa “essência”.

Essas escolhas podem ser interpretadas a partir da noção de de enquadramento ou framing, também de Goffman (1986). Os frames oferecem definições da realidade social, sendo compartilhados, fundamentados e usados como referência nas culturas onde estão presentes, estabilizando significados que servirão de base para o que se espera de determinada situação, além de definir modelos de conduta que devem ser seguidos.

A partir dessas concepções, selecionei como metodologia a Análise Crítica de Narrativa de Motta (2013), que engloba os aspectos descritos acima, especialmente os “enquadramentos lúdico-dramáticos” do jornalismo. Analisamos o jornal O Globo do dia da estreia da seleção na competição, até dois dias depois do jogo que eliminou a equipe da competição. Neste período, foram 16 matérias sobre o jogador Ronaldinho Gaúcho investigadas.

A capa do jornal O Globo no dia da abertura da Copa, por exemplo, salientou: “Ronaldinho mania – poucas vezes (ou nenhuma) uma Copa teve início com uma idolatria mundial tão grande a um jogador. Ronaldinho é um rei sem concorrentes. Pelo menos, por enquanto...” (O GLOBO, 09/06/2006, p.1). Na página cinco do O Globo a reportagem com o título “A hora da estrela - Ronaldinho Gaúcho entra em cena para fazer história”, associa a estreia da seleção a um grande filme. As frases de jornais internacionais apontam o status que o camisa dez da seleção tinha naquele momento: “Ronaldinho não é apenas o maior jogador de futebol hoje, mas aquele que está a um passo de se juntar a Pelé e Maradona”, afirmou o jornal Times de Londres. Deste modo, a tônica da narrativa midiática focava no sentido que o Brasil era realmente “abençoado por Deus” no quesito craques de futebol. Termos um futebol mágico era nossa sina. A Copa de 2006 confirmaria estas argumentações com um time praticamente imbatível, a começar pelo quadrado mágico.

No dia da estreia do Brasil, a coluna de Fernando Calazans reafirma este pensamento:

O mundo inteiro de olhos concentrados no deslumbrante estádio olímpico. O Brasil não tem um estádio como este, nem em sonho, mas tem o futebol que o resto do mundo sonha ter e tampouco tem. [...] a

seleção reserva do Brasil – sim, a reserva – é melhor do que a maioria das seleções presentes na Copa. Parece empáfia, mas não é. É a pura verdade, numa Copa repleta de seleções do segundo e terceiro escalões mundiais (ESPORTES IN: O GLOBO, 09/06/2006, p.7).

A derrota para a França nas quartas de final provocou alterações no enquadramento do jornal: “Seleção e Ronaldinho decepcionaram o mundo.” O jogador que era símbolo da seleção e objeto de adoração pela narrativa antes da competição foi um dos mais cobrados pela derrota. Essa mudança de representação, de quase Pelé para um craque sem brilho, nos aponta para uma reflexão importante sobre os limites da exaltação midiática sobre um atleta. O que seria essa limitação? A mídia queria dar-lhe o posto de novo “rei” do futebol, mas Ronaldinho não ajudou. Caso ele fizesse atuações espetaculares e vencesse a Copa, como Pelé fez em 1970, por exemplo, a narrativa sobre ele seria outra. É preciso que o “escolhido” a herói ajude na sua mitificação e exaltação. A imprensa consegue sustentar representações sim, mas impor que Ronaldinho estava a um passo de superar Pelé esbarrou no futebol apresentado por Gaúcho que, segundo a própria imprensa, estava longe do que ele apresentava no Barcelona e que contribuiu para ele ser eleito o melhor jogador do mundo, provocando uma ênfase intensa em sua representação como símbolo da “nossa essência”. Não estamos aqui julgando o desempenho esportivo de Ronaldinho Gaúcho e sim apontando que por não fazer o que a narrativa aguardava dele (uma atuação muito acima dos demais jogadores mundiais), seu desempenho foi classificado como decepcionante. Essa manchete d’O Globo ilustra como a narrativa respondeu as atuações de Gaúcho nesta Copa: “Sem o ar de sua graça – Ronaldinho Gaúcho assiste a Zidane dar uma aula de futebol” (ESPORTES IN: O GLOBO, 02/07/2006, p.6).

## REFERÊNCIAS

- GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: intertexto, 2006.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press, 1986
- HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Imprensa e o futebol-arte**: as narrativas da “nossa essência futebolística”. Curitiba: Editora Prismas, 2017.  
*O Globo*, Rio de Janeiro, 01jun-10jul, 2006.